

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA**  
**A CINEMATECA COM O DOCLISBOA: LINO BROCKA - MATEM O ARTISTA NACIONAL**  
**22 e 24 de outubro de 2026**

**GUMISING KA... MARUJA / 1978**  
(“Acorda... Maruja!”)

*Um filme de Lino Brocka*

*Realização: Lino Brocka / Argumento: Tony Perez, Mars Ravelo, Rico Rival / Montagem: Augusto Salvador / Direção de Fotografia: Conrado Baltazar / Produção: Fernando Poe Jr. / Design de Produção: Mel Chionglo / Som: Vicente Olvere / Montagem Sonora: Jay Jacinto, Rolly Ruta / Interpretações: Susan Roces (Nina Concepcion/Maruja Isabel Sevilla), Phillip Salvador (Marco Lorenzo/Rodrigo de Velasquez), Laurice Guillen (Cristy), Mario O’Hara (Freddie), Mary Walter (Señora Agida), Manny Ojeda (Señor Juan Manuel), Fritz Ynfante (Fritz), Peque Gallaga (Attorney) / Cópia: Digital, a cores, falado em tagalog, legendado em inglês e eletronicamente em português / Duração: 113 minutos / Estreia Mundial: 14 de setembro de 1978, Manila, Filipinas / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira passagem na Cinemateca.*

Sessão do dia 22 conta com apresentação.

\*\*\*

É uma das pérolas mais bem escondidas da filmografia de Lino Brocka: um filme de horror gótico sobre a história fatídica de um amor proibido que assombra a tentativa de produção de um filme, baseado nessa mesmíssima tragédia, que vai fazer com que a lenda se confunda com a realidade. Na viragem do século passado, a relação interdita de Maruja com um empregado indígena, Gabriel, condena-a a um casamento arranjado com um capitão da guarda civil, Rodrigo de Velasquez. No presente, uma equipa de produção liderada pela estrela de cinema – e produtora – Nina Concepcion, interpretada pela “rainha do cinema filipino” Susan Roces, num papel menos adocicado do que lhe era hábito, propõe-se adaptar esta história ao cinema, reencenando-a no local onde tudo se terá passado, portanto, na morada onde, na noite de núpcias, Maruja terá decidido pôr termo à própria vida.

Eis uma história de assombrações concentrada no espaço, numa mansão que nos remete para as de **Rebecca** (1940), de Alfred Hitchcock, e **Secret Ceremony** (1968), de Joseph Losey, com uma atmosfera inequivocamente gótica e de horror, a lembrar também clássicos de assombrações tais como **The Uninvited** (1944), de Lewis Allen, ou **The Haunting** (1963), de Robert Wise. O caldeirão de referências é muito apreciável, embora haja algo aqui de muito distintamente filipino: uma relação desmistificada com a morte e com “o outro lado”, aquele a que as personagens principais acedem com espanto antes de com medo, com algum encantamento antes mesmo de com terror. Por outro lado, e apesar de comparações possíveis com clássicos do cinema de terror, trata-se de um filme com um ritmo e uma linguagem muito próprios. Já havia sido um pouco assim noutro título do cinema filipino, o magnífico **Itim** (1976) de Mike De Leon, realizador que trabalhou de perto com Brocka, nomeada e mormente como produtor e diretor de fotografia de **Maynila sa mga kuko ng liwanag** (1975).

Em **Itim**, título lançado dois anos antes de **Gumising ka... Maruja!**, descortinamos uma história de reencarnação que vem esbater linha fronteira que separa o mundo dos vivos do dos mortos. Em ambos os filmes, os espaços, os corpos e os objetos são manobrados e ocupados ora por uns,

ora por outros. O filme de De Leon tem como protagonista um fotógrafo que se vê enredado numa história sinistra sobre uma morta que reencarna no corpo da irmã desaparecida, isto tudo em plena semana santa, ao passo que Brocka se coloca do lado das imagens em movimento para explorar um espaço de indistinção não só entre o mundo dos vivos e o dos mortos como, enfim, o do cinema, dada a tentativa de na mansão se encenar o passado através da realização de um filme. Em certa medida, a assombração aqui é como o proverbial “filme dentro do filme”, empreitada levada a cabo por uma equipa de produção que inclui a referida atriz-produtora interpretada por Roces, que de se deixa “possuir” pelo espírito da “amante crucificada” que a obceca, mas também o coprotagonista e o argumentista, interpretados respetivamente por dois atores muito importantes na obra de Brocka: Philipp Salvador (que entrou em mais de uma dezena de títulos realizados por Brocka, tais como **Jaguar** [1979] e **Orapronobis** [1989]) e Mario O’Hara (cineasta com uma obra própria por descobrir mas também cúmplice de Brocka como argumentista e ator, interpretando de maneira memorável a personagem do leproso “Berto” em **Tinimbang ka ngunit kulang** / “**Pesada e Achada em Falta**” [1974]). A personagem do argumentista é curiosa, pois o seu trabalho de escrita vai sendo ultrapassado, a grande velocidade, pelos acontecimentos extraordinários ocorridos na mansão. Certo é que quanto mais a estada na mansão se prolonga, mais Nina Concepcion e Marco Lorenzo se confundem com as suas personagens: Maruja e o seu marido indesejado, Rodrigo. O cinema surge, enfim, como processo de revivificação do passado ao ponto de já não se destringar bem o que é da criação ou efabulação e o que é da reencarnação ou assombração. O cinema, enfim, como um nada doce exorcismo.

Ao mesmo tempo, este é um filme povoado por signos do passado, dos quais se destaca o do retrato de Maruja que não envelhece, lembrando, de certo modo, o de **The Picture of Dorian Gray** (1945), de Albert Lewin, tal como o da grande presente-ausente no acima citado clássico de Hitchcock. Maruja e Nina Concepcion surgem em estreita – e profana – compita em torno de uma questão de soberania e que redundará numa espécie de disputa pela propriedade daquela mansão – existe, de facto, uma afinidade etimológica entre “terror” e “território”, e aqui estamos na presença de um caso em que o excesso de inquilinos numa mesma casa fará estalar um conflito na sequência do qual se ficará a saber quem fica e quem parte ou, pondo de outro modo, se a nova senhoria cede ou não às pressões vindas desses locatários do além. Ora, como acontece em vários outros filmes de assombração que problematizam a questão da imagem, mais antigos e mais recentes (pense-se, mais contemporaneamente, em **The Others** [2001]), é a persistência da protagonista em ficar que conduzirá a um agudizar do conflito central do filme, o qual, sublinho, é em grande medida espacial.

Neste sentido, é difícil não evocar outros filmes de Brocka em que a casa é “objeto de disputa” entre as personagens. Veja-se, por exemplo, **Ina, Kapatid, Anak** / “**Mãe, Irmã, Filha**” (1979), onde o pleito pela mansão familiar corre o risco de eternizar a contenda antiga, assaz belicosa, que separa duas irmãs entre si. Na segunda história de **Tatlo, dalawa, isa** / **Three, Two, One** (1974), a casa num bairro de lata detida pela mãe é comparada virtualmente na cabeça da filha com a habitação quiçá principesca que a espera nos Estados Unidos, onde vive o pai, agora regressado às Filipinas com o intuito de levar de volta consigo a filha. São casas e realidades socioeconómicas distintas mas revelam Brocka como um cineasta eminentemente da esfera doméstica. Em **Gumising ka... Maruja!**, é ali mesmo, naquela mansão, que conflitos imemoriais ganham a densidade e a espessura de um *melodrama de fantasmas* onde o cinema, enquanto atividade e enquanto fenómeno, poderá vir a desempenhar um papel redentor na ação. É só os (maus) espíritos deixarem.